

Greve!

Transcrição do documentário
de João Batista de Andrade

Um filme não se descreve.

As imagens e os ruídos e músicas não são transponíveis verbalmente. A rigor, só podem ser transpostas para linguagem verbal as partes escritas das imagens (os dizeres de uma faixa, por exemplo), as cartelas, a locução, as falas, as letras de canções etc.

A descrição das imagens implica inevitavelmente uma seleção por parte de quem tenta descrever um filme: seleção do que escolher na imagem, seleção de palavras para compor o texto. Os objetivos de quem descreve sempre orientam as descrições, as quais são sempre um pouco uma interpretação. Por mais que a descrição tente ser fiel ao filme. Optamos por uma certa segurança na descrição, no sentido de interferir o menos possível e passar a informação mínima necessária contida nas imagens: “Operário trabalhando numa máquina”, por exemplo. Mas isto elimina outras informações difíceis de comunicar verbalmente: a tensão do corpo do operário, o gesto, o olhar, a cor da máquina etc., que são evidentemente elementos que trazem informações ao espectador. Também insistimos pouco sobre os elementos de linguagem: movimentação de câmara, planos etc., que também são informações para o espectador, mas que teriam exigido um vocabulário técnico provavelmente desnecessário para a finalidade desta pesquisa.

O leitor deverá levar em conta estas características das descrições, não como substituto ou expressão fiel dos filmes, mas como ponto de referência.

Seq. 01 — Ext/Dia/Portão de fábrica de São Bernardo.

Policiais na área industrial.

Operário 1 (Som direto/off): ... manda eles lá tomar um cafezinho na Volks ... (Música/baião.)

Letreiro: Brasil 1979

Travelling sobre paisagem industrial de São Bernardo.

Operário 2 (SD/off): Sou metalúrgico, trabalho na Volkswagen há 18 anos...

Fachada da fábrica da Volkswagen.

(idem): ... e há muita injustiça dentro da Volkswagen.

Continua *travelling* anterior.

(idem): O salário é mínimo, as oportunidades são poucas, que eles dão prá nós, e nós temos aí um horário corrido de refeições...

Avenida, ao lado da fábrica Volkswagen.

(idem): ... não adianta reclamar, eles impõem as coisas, eles acham que eles devem fazer as suas leis lá dentro. Aquele que acha que não está bom, eles mandam embora. Um colega por participar do Congresso dos Metalúrgicos foi mandado embora sumariamente; a própria Federação das Indústrias, em outubro, obrigou as indústrias a mandar todos os trabalhadores que tinham contato com o sindicato ou que participaram de assembleias e tudo, mandar embora...

Policiais a cavalo.

Entrevistador (SD/off): Como é que eles controlam o operário?

Operário 2 (SD/off): A Volkswagen? Lá eles têm as chefias, têm as chefias e feitores, o supervisor de capa... amarela, supervisor, tudo que (...), é como um nazismo lá dentro, ninguém sabe quantos dias fica lá dentro e se pode passar um ano ou não.

Outro metalúrgico fora da fábrica, ao lado do ponto de ônibus.

Entrevistador (SD/off): Como é que está a coisa, o pessoal vai trabalhar ou não vai trabalhar?

Metalúrgico (SD): Ah, não vai trabalhar não... Eu acho que não.

Entrevistador (SD/off): Mas não está entrando gente agora?

Metalúrgico (SD): Ah, meia dúzia de furão só! O que vale é a produção, produção não tendo (...) as máquinas estão paradas, né? Agora o que interessa é isso aí: é não produzir.

Metalúrgico é interpelado na saída da Volkswagen.

Entrevistador (SD/off): Você entrou na fábrica?

Metalúrgico (SD): Entrei, não tem ninguém. A turma que está entrando está saindo porque só está o feitor essa hora.

Entrevistador (SD/off): Não tem produção? Não...

Metalúrgico (SD): Não tem ninguém... Está tudo parado.

Seq. 02 — Letreiros

Greve

Fotografia: Aloysio Raulino/Adilson Ruiz

Montagem: Reinaldo Volpato

Som direto: Romeu Quinto

Direção de Produção: Wagner de Carvalho

Narração: Augusto Nunes

Produção executiva: Assumpção Hernandez
Roteiro e direção: João Batista de Andrade
1979

Metalúrgico (SD / off): ...está até enferrujando as máquinas. (Baão)

Seq. 03 — Int/Dia/Televisão

Cenas da posse de Figueiredo. Câmara na mão se aproximando da televisão.

Loc. da TV (off): Após suas palavras, Sua Excelência Sr. Presidente da República, Ernesto Geisel, cumprimenta o...

Televisão vista lateralmente.

idem: ...o presidente empossado...

Câmara na mão se aproximando da TV.

idem: ...João Batista Figueiredo.

Narrador (off) sobreposto ao som da TV): Março de 1979. O Brasil vive um clima de mudança de governo em meio a uma crescente pressão social pelo fim do estado de exceção e por uma verdadeira democracia.

Locutor (off): ...Presidente Ernesto Geisel. Nos passos de sua Excelência...

Primeiro-plano da TV.

Narrador (off): No ato de sua posse, o novo presidente assume compromisso público com a abertura democrática.

Plano-médio da TV.

Figueiredo (SD): É meu propósito inabalável, dentro daqueles princípios, fazer deste país uma democracia. Reafirmo...



Em 15 de março de 1979, milhares de metalúrgicos reunidos no estádio de Vila Euclides mantiveram a greve.



Manchete do jornal *Última Hora*: “Começou a Abertura”.

Na primeira página do jornal, o deputado Eduardo Suplicy é visto sendo preso por policiais.

Narrador (off): Dois dias antes...

Última Hora: “Greve”

Narrador (off): ...os 800 mil metalúrgicos do Estado de São Paulo se lançam numa greve geral...

Última Hora: “Greve”

Narrador (off): ...e pela aceitação de delegados sindicais nas empresas.

Figueiredo (off): ...como cidadãos inscritos na Constituição.

Folha de S. Paulo: Foto de Lula.

Narrador (off): Liderados pela Federação das Indústrias, FIESP, os empresários negam os delegados sindicais e...

Folha de S. Paulo: Foto de Lula.

Narrador (off): ...ameaçam descontar dos trabalhadores do ABC 11% ganhos em greves passadas.

Última Hora: “Metalúrgicos não param”.

Narrador (off): Metalúrgicos do interior voltam ao trabalho...

Última Hora: Foto de multidão.

Narrador (off): ... não os do ABC, onde assembléias de até 100 mil operários recusaram as propostas patronais. A greve continua!

Seq. 04 — Ext/Dia/Sindicato e repressão policial.

Lula descendo a rua onde se localiza o sindicato.

Narrador (off): Com uma semana, o Governo Figueiredo toma a sua primeira grande decisão. Diante do impasse trabalhista, age cassando os líderes operários e intervindo nos sindicatos... Sexta-feira, 23 de março de 1979: Lula, o líder dos metalúrgicos, deixa o sindicato interdito pelo Governo.

Câmara na mão, mostrando o sindicato interdito.

Música de Astor Piazzola

Narrador (off): O ato do Governo repete outros momentos da História brasileira, com dezenas de sindicatos colocados sob intervenção e seus líderes silenciados através de uma legislação trabalhista que mantém esses sindicatos atrelados ao Ministério do Trabalho.

Narrador (off): A intervenção do Sindicato do ABC acirra os ânimos e é acompanhada de violenta ação policial.

Entrevistador (off): Estamos fazendo um filme sobre o que está acontecendo...

Policial (SD/off): Chama o tenente aqui.

Policiais na rua: ROTA e militares. Música de Piazzola decresce. RA

Seq. 05 — Ext/Dia/Porta do estádio

Câmara na mão percorre a placa do estádio de Vila Euclides, mostrando também policiais no portão. O estádio está vazio, visto de fora.

Narrador (off): Aqui neste estádio de futebol os metalúrgicos fizeram suas assembléias de até 100 mil pessoas. Com a intervenção, o estádio foi tomado pela polícia. O ABC se torna uma praça de guerra!

Seq. 06 — Ext/Dia/Ruas de São Bernardo sob a intervenção policial.

Repressão. Transeuntes correm, fugindo das bombas de gás lacrimogênio, confusão. Gritos/RA. Música de Belchior: *Máquina, Máquina* ...

Seq. 07 — Ext/Dia/Zona industrial do ABC

Narrador (off): Esta é a região do ABC: Santo André, São Bernardo, São Caetano, o centro industrial do país. Aqui se concentram multinacionais como a Ford, a Volkswagen...

Fábrica Mercedes.

Narrador (off): ... a Mercedes, a General Motors.

Outra fábrica da região.

Narrador (off): Empresas que aqui se instalaram aproveitando vantagens de uma política favorável ao capital estrangeiro e...

Dois metalúrgicos fora de casa.

... e para aproveitar o baixo nível salarial do trabalhador brasileiro: o melhor do mundo, o mais barato do mundo.

Travelling no interior de um carro sobre a paisagem de fábrica.

Narrador (off): Para isso o governo proibiu as greves e reteve o direito exclusivo de fixar os índices de aumento salarial...

Panorâmica sobre casas e barracos de uma favela da região.

Narrador (off): ... mantendo assim os salários reais cada vez mais baixos, empobrecendo o trabalhador e atrain-

do mais capital estrangeiro.

Favela.

Narrador (off): Um regime de acumulação forçada, de capitalismo selvagem. Em 14 anos nessa política, conhecida como arrocho salarial...

Manchete de *Última Hora*: “As multinacionais fabricam a miséria”, com a foto de dinheiro saindo do bolso de um *jeans*.

Narrador (off): ... o poder aquisitivo do trabalhador caiu quase pela metade, gerando lucros extras para a empresa. Aqui no ABC...

Seq. 08 — Trabalhadores grevistas

Câmara na mão aproxima-se de Assis, metalúrgico em greve.

Entrevistador (SD/off): Qual é teu nome?

Assis (SD): Assis.

Entrevistador (SD/off): Você é metalúrgico? Está parado?

Assis: Tô.

Entrevistador: Como é que está a situação?

Assis: A situação está mal, viu? Porque a gente não está mais resistindo a essa greve.

Mulher favelada vista no meio de uma cerca de tábuas.

Entrevistador (SD/off): O marido da senhora é metalúrgico?

Mulher (SD): É sim.

Entrevistador (SD/off): E como está a situação aí, agora sem receber? Com a greve?

Mulher: (...) Antes de sair a gente tem recebido, né? Recebemos uma despezinha (do fundo de greve) e estamos comendo... quando se acabar vai ter que... precisa... tem criança, tem tudo, vamos fazer o quê?

Entrevistador (SD/off): Mas com o salário que o seu marido ganha dava ...

Mulher: ... só dava pra começar. São três crianças, e eu tenho. duas ... três com a que vai vir; tem eu, tem minha mãe, tem essa garota e um garoto, eu e meu marido. Eles não acreditam que o salário que ele ganha dá para viver. Dá sim; pra quebrar um galho.

Outra mulher.

Entrevistador (SD): Qual o salário que o seu marido ganha?

Mulher (SD): 2 milhões e pouco.

Rua de terra da favela. Música: Mercedes Sosa
Outra rua do local. Música continua.

Seq. 09 — Ext/Dia/Pensão ao lado do sindicato

Câmara na mão percorre a rua do sindicato até *pan* sobre a pensão.

Narrador (off): Além de favelas e bairros pobres de periferia, os metalúrgicos do ABC, a elite do operariado brasileiro, moram em pensões como esta, em São Bernardo, a 50 metros do sindicato tomado.

João Batista, o pensionista, é metalúrgico da Volks.

Entrevistador (SD/off): Qual é teu nome?

J. Batista (SD): João Batista.

Entrevistador (SD/off): Você é metalúrgico da Volks...?

J. Batista (SD): Da Volkswagen.

Entrevistador (SD/off): Como é a vida do metalúrgico, em São Paulo?

J. Batista (SD): A vida do metalúrgico, meu! Eu não sei nem explicar como é que é. Porque do jeito que eu trabalho era pra ganhar mais ou menos, né? Esse salariozinho não dá pra....

Entrevistador (SD/off): Você faz o quê, normalmente, na Volks?

J. Batista (SD): Lá eu soldo, trabalho na solda, na (...), trabalho em muitas coisas lá dentro.

Entrevistador (SD/off): Eles dizem que operário da Volks ganha bem, todo mundo diz que operário da Volks ganha bem, que lá é onde se paga melhor...

J. Batista (SD): Não, não é... Bem, quem ganha 22 paus por hora não ganha bem, pelo trabalho de lá, não ganha bem. Pelo menos, pra ganhar bem, devia ganhar pelo menos uns 40 paus por hora, porque o serviço lá é pesado. Como todo mundo sabe, os metalúrgicos sabem como é o serviço da Volkswagen.

Entrevistador (SD/off): Como é a sua vida assim fora da fábrica? O que você faz?

J. Batista (SD): Ah, fora da fábrica eu não faço nada, saio de dentro e não faço mais nada.

Entrevistador: Por que que você não faz nada? Você não passeia...?

J. Batista (SD): Passeio... vou à praça e volto pra casa dormir de novo...

Entrevistador (SD/off): Mas por que você não faz outras

coisas, outros programas... Você tem carro?

J. Batista (SD): Bom, eu não tenho carro. Eu não tenho carro, vai ver ainda não tive condições de comprar um carro pra mim, mas vontade de comprar eu tenho ainda.

Entrevistador (SD/off): E a vida de pensão, como é que é?

J. Batista (SD): Ah, a vida de pensão... não dá, é muito ruim na pensão: pensão não é coisa boa não. Mas eu não me dou bem com a minha irmã, porque a minha família mora no interior, sabe? Então eu vim pra cá, aí fiquei um tempo com a minha irmã, não deu certo ficar com ela, então vim pra pensão...

Entrevistador (SD/off): Você acha justa a luta do sindicato?

J. Batista (SD): Bom, eu não sei não. Porque é bom pra gente, sabe? Mas no momento, a polícia na rua pra pegar a gente, querendo bater, correndo atrás da gente. Isso daí eu acho um absurdo...

PM/Dono da pensão.

Dono (SD): O pessoal que mora comigo aqui, aqui já passou uma base de 5 mil pessoas que moravam aqui, que aqui estou há 17 anos. Dificilmente você encontra um metalúrgico, são tudo bom... compreensivo.

Entrevistador (SD/off): E o movimento aqui?

Dono: Paga as suas contas tudo certo, entendeu? Depois que o sindicato foi localizado (...) o movimento diariamente, sempre isso que o senhor vê na greve. E desde que eu me lembro é uma das primeiras greves que atingiu o país, né? E com isso daí eu acho que o Governo Federal deve ter bastante prejuízo, a nação, né? Porque não houve um acordo (...) vai pro décimo-quarto dia hoje, né?

Ext/Dia/Dono caminha pelos varais estendidos no quintal. A câmara o acompanha através das roupas e se aproxima até *plano frontal*.

Entrevistador (off): O senhor tem quantos pensionistas aqui?

Dono: Nós passamos mais ou menos aí uns 80, né?

Entrevistador (off): Oitenta.

Dono: É...

Entrevistador (off): E o que o senhor está achando da intervenção aí, agora, como é que fica?

Ext/Dia/Panorâmica até o sindicato e volta até o dono da pensão.

Dono: Eu acho que desde o momento que não houve

acordo, a intervenção foi justa... pra poder, né?, o Governo resolver...

Entrevistador (off): Quanto o senhor ganha, na pensão, hospedando os metalúrgicos aqui?

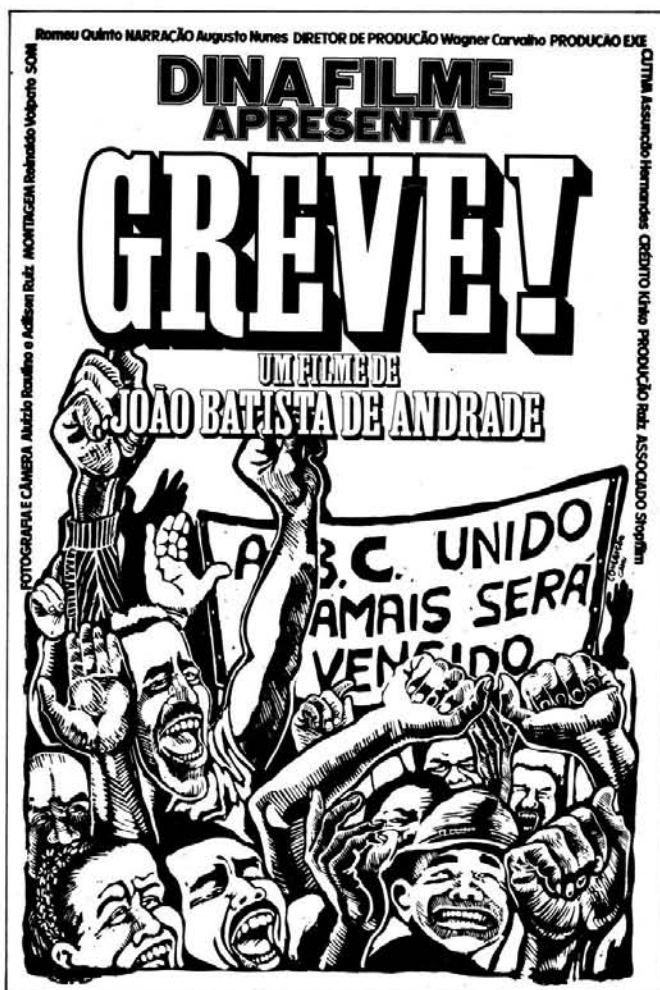
Dono: Isso daí é muito difícil de dizer, né? É como eu já te disse agora pouco (...) Mas aí como já disse mais ou menos, a base o senhor faz de cabeça...

Entrevistador (off): São 80 metalúrgicos? Mais ou menos. Quinhentos cruzeiros cada um... uns Cr\$ 40 mil?

Dono: É, mas tem as despesas, tem que pagar os impostos, os empregados...

Entrevistador (off): Mas dá bem?

Dono: Serve. (Música/bolero)



Seq. 10 — Int/Dia/Casa de Enoque Batista

Câmara na mão desce na parte inferior de um sobrado e segue por um corredor até atingir a cozinha, onde está a mulher de Enoque Batista, cozinhando ao lado de seus filhos.

Narrador (off): A casa de Enoque Batista, um operário especializado.

Mulher: Meu nome é Maria da Penha Batista, sou esposa de um ferramenteiro, Enoque...

Ext/Dia/PM — Enoque Batista no estádio de Vila Euclides, cercado de outros operários.

Mulher (SD/off): Ele trabalha mais ou menos há 20 anos em metalúrgica.

Int/Dia/Plano frontal da mulher de Enoque.

Mulher: A posição nossa de esposa é a seguinte: nós estamos passando certas dificuldades, mesmo o esposo ganhando razoável, nós estamos passando certas dificuldades pela inflação, porque quando se fala em aumento, tudo duplica o preço na feira. Nós, veja bem, eu gasto uma base mais ou menos de dois litros de leite por dia, são Cr\$ 12; mais ou menos dois pão, são Cr\$ 10, vão Cr\$ 24, já vai quase uma hora de trabalho do meu esposo. Meu esposo levanta às 5 horas da manhã para trabalhar e chega 6, 7 horas da noite, nós não temos nem quase tempo para um diálogo entre família. Os filhos vão para a escola, temos despesa de materiais, temos também despesas com calçados e roupas, temos prestações, porque o pobre só vive à base de prestações, então... mesmo que o marido ganhe uma base de Cr\$ 12 mil ou Cr\$ 13 mil, tudo gira em torno das nossas despesas de casa; não sobra pra gente comprar um terreninho ou uma casinha, nem se falando em casas do BNH. Nós temos apenas... Veja, meu esposo é um ferramenteiro, como se diz aí que ferramenteiro ganha mundos e fundos... Nós moramos em dois cômodos, temos quatro filhos para tratar, temos apenas um terreninho, mas não podemos construir porque a despesa não dá. Nós não vamos deixar nossos filhos passar necessidades, porque haja vista que uma criança em formação, eles necessitam...

Int/Dia/Crianças no chão da cozinha, comendô.

Mulher (off): ... de boa alimentação, necessitam de boa comida, necessitam de boa formação moral...

Int/Dia/Plano lateral da mulher de Enoque.

Entrevistador (SD/off): A senhora apóia o seu marido

nesta greve?

Mulher (SD): Apóio, apóio sim.

Ext/Dia/PM — Enoque Batista no estádio de Vila Euclides. Música.

Mulher (off): ... eu acho que o homem tem que lutar para os filhos viverem num país melhor.

Seq. 11 — Ext/Dia/Bar perto do Sindicato

Conversa no bar. Câmara na mão, grupo de metalúrgicos reunidos em círculo conversam entre si.

Metalúrgico de barba: Levei nas costas... eu levei, mas só que na hora que eles se chegaram pra dar... no guarda, ontem, eu não fui bobo de... e levei uma pancada, dei uma no guarda ali também...

Metalúrgico 1: Meu irmão chegou e viu o guarda levar uma pancada (...) ele deu duas cacetadas no cara, o cara se abaixou.

Metalúrgico 2: E uma das bombas ontem veio no meu pé, aquelas bombas branquinhas que eles soltam, aquela que estoura, eu taquei de volta, quase que... fazia o estouro na cara dos caras, mas do (...) policial e o povo ria e voltava com bomba. Inclusive, eu falei para um sargento lá, eu falei assim: "Vamos dividir o negócio, dá um pedaço de pau para cada operário, então para equilibrar a briga, né? Basta equilibrar a barra, né?"

Ext/Dia/Plano mais próximo do metalúrgico de barba.

Entrevistador (SD/off): Essa intervenção no sindicato é uma derrota de vocês?

Metalúrgico de barba: Não, não é não. A classe trabalhadora, nós metalúrgicos se unimos com o Lula... deu a nós um exemplo de que nós devemos lutar até o fim e nós vamos até o fim; com Lula ou sem Lula, todos nós somos um Lula. O nosso comportamento hoje, a nossa razão de tudo isso é ver que hoje quando pensamos em comer um prato de comida, nós... nós temos que comer pela metade pra comer amanhã, porque o nosso sentido não é passar fome e deixar os patrões ricos, não. Nós temos que... que encher as barrigas dos nossos filhos.

Ext/Dia/Panorâmica sobre adolescentes que ouvem a conversa.

Metalúrgico de barba (off): ... A gente tem que ser unido, porque a união vai fazer a força.

Ext/Dia/PM — Volta ao metalúrgico de barba.



Metalúrgico de barba: Agora, viu companheiro, nós somos unidos assim (...) o que nós devíamos fazer nesse momento, já que nós temos hoje o estádio liberado, o estádio não, a praça, o Paço liberado... eu pedi hoje e nós temos as igrejas para poder fazer nossa... nosso movimento e nós vamos fazer isso hoje no Paço e amanhã, 11 horas, eu marquei com o pessoal — vou marcar hoje, na igreja também que nós vamos ter um comparecimento porque já receberam mantimentos lá, hoje tem estoque bom que nós vamos trazer pra cá também, pra São Bernardo, aqueles que nós estamos concluindo, os menos favorecidos (...). E hoje nós vamos fazer o que nós pode lá pra poder notificar o povo pra que tenha muito mais união e entusiasmo, porque eu tenho certeza que nessa assembléia de hoje vai ficar definido todo mundo não trabalhar na segunda-feira. Não trabalhar e vão continuar fazendo nosso piquete normal.

Enoque Batista (SD): Porque o que eles fizeram aí, cassaram a diretoria... não vai resolver nada.

Metalúrgico de barba: Eles cassaram o Lula, mas tem 80 mil Lulas aqui em São Bernardo.

Seq. 12 — Ext/Dia/Paço Municipal num dia chuvoso. Assembléia.

Narrador (off): Mas a intervenção no sindicato foi um duro golpe no movimento. Pela primeira vez toda a sociedade se mobiliza para protestar contra a intervenção em apoio à greve. A greve, assim, continua sustentada mais pela convicção e pela rebeldia de cada um.

Detalhe de grevistas na assembléia.

Punho cerrado de um grevista.

Braços levantados em protesto.

Orador (SD): Alô, alô pessoal... a gente está esperando um pouquinho mais, até que venha aqui o presidente do Sindicato dos Jornalistas, o David, ele está aqui.

David de Morais (SD): Pessoal... vocês parecem que não me conhecem mais...

Grevistas reunidos em assembléia.

Grevistas de costas.

Detalhes de grevistas.

David de Morais (SD): Pessoal... pessoal...

Grevistas em tumulto.

Narrador (off): Mas sem as lideranças, sem organização,

o movimento se esfacela em mil palavras de ordem e chega quase ao desespero.

Plano-geral de grevistas.

PM de grevistas gesticulando muito.

Grevista: ... nós temos que viver, nós temos que ganhar essa guerra, que se nós não ganharmos, nós temos...

Outro grevista.

Grevista: Nós temos que saber o que nós estamos falando porque nessa hora, aqui, está rodeado de pessoas que querem pegar alguma falha daquilo que nós falamos; temos que ter muito cuidado daquilo que nós vamos dizer... é necessário isso; falar com lógica, com capacidade, procurando os nossos direitos; nós estamos reunidos aqui não é para brigar, mas sim para obtermos os direitos nossos que eles estão tomando...

PG de grevistas, vistos de costas.

Orador (SD): ... sindicato dos Jornalistas, o David de Morais vai dizer alguma coisa pra vocês.

Todos: Trabalhador unido, jamais será vencido...

Câmara passeia pelos grevistas em diversos cortes.

David de Morais: Companheiros, é absolutamente importante que a gente mantenha o mesmo comportamento que vem mantendo desde o primeiro dia da greve... De início eu vou ler um documento que foi tirado agora de manhã, de uma reunião entre inúmeros sindicatos e entidades populares, de apoio integral ao movimento grevista de vocês. As entidades (...) deste documento vêm mais uma vez a público para reiterar seu total e irrestrito apoio em solidariedade aos companheiros metalúrgicos em greve e às diretorias de seus sindicatos legitimamente eleitos pelos trabalhadores. Repelimos as intervenções governamentais que constituem um ato de violência. A greve é absolutamente justa pois representa o único instrumento eficaz de que o trabalhador dispõe para fazer valer os seus direitos. Agora, o governo... agindo não como juiz, mas como verdadeiro sócio dos patrões que não atenderam a uma só das reivindicações dos trabalhadores, que atendendo aos interesses das multinacionais, o governo tenta pela intervenção retirar dos companheiros seu organismo de defesa que é o sindicato... um momentinho companheiros! Um momento! A unidade da luta e a justiça das reivindicações prevaleceram sobre qualquer ato de força; os trabalhadores, como já estão demonstrando claramente, ao continuarem

firmes na greve, souberam encontrar as formas de manter a luta e a unidade (...). Para isso contam com o apoio de toda a população, já manifestado no ato público realizado ontem na Câmara Municipal de São Paulo e nas doações de dinheiro e alimento aos grevistas. Para que o trabalhador atinja a todos os objetivos de sua luta justa e legítima.

São Paulo, 24 de março de 79.

Grevistas se retiram da assembleia.

David de Moraes (off): Assinam o documento: Sindicato dos Metalúrgicos de Santos e Cubatão, Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Sindicato dos Petroleiros de Santos e Cubatão...

Foto de uma passeata com faixas.

Narrador (off): À saída, levados por palavras de ordem descontraídas, centenas de trabalhadores saem em passeata, novamente reprimidos com violência pela polícia.

Polícia reprimindo a manifestação em diversos planos. Sirene, bombas.

Seq. 13 — Int/Dia/Sindicato

Guaraci Horta sentado numa mesa, dentro do sindicato vazio.

Narrador (off): Sr. Guaraci Horta, interventor do Sindicato de São Bernardo. Como está a situação no Sindicato?

Guaraci Horta: Está normal, como o senhor está observando, nós estamos aqui conversando, o pessoal trabalhando; eu acredito que a coisa agora...

Políciais reprimindo populares na rua.

Guaraci Horta (off): ... já se normalizou.

Narrador (off): E a greve?

Guaraci Horta: Este movimento eu desconheço, é como eu estou dizendo ao senhor, a minha parte é administrativa, entendeu?

Ext/Dia/Políciais reprimindo populares e soltando bombas de gás lacrimogêneo no Paço Municipal. Material da TV Globo. RA.

Int/Dia/Guaraci Horta.

Narrador (off): Mas a força do Sindicato não estava no seu poder de mobilização.

Guaraci Horta: Não, porque é o seguinte: aqui é uma

casa de associado, entendeu? E o associado, naturalmente, ele vai continuar procurando a casa dele, porque aqui ele tem, recebe assistência médica gratuita, entendeu? E recebe orientação trabalhista...

Ext/Dia/Políciais correm atrás de populares na rua.

Int/Dia/PP da boca de Guaraci Horta.

Narrador (off): Como se sente no lugar de Lula?

Lula é visto sendo carregado por operários no estádio. Silêncio.

Int/Dia/PP da boca de Guaraci Horta.

Guaraci Horta: Isso são cavacos do ofício, estamos aqui cumprindo uma missão, como o senhor deve saber, foi até inclusive divulgado pela imprensa o ato do ministro. E aqui estamos para corresponder à confiança que ele nos depositou.

Ext/Dia/Policial arrasta popular para dentro do camburão com violência. RA.

Seq. 14 — Ext/Dia/Favela

Operários ouvem entrevista de Lula no rádio, encostados numa cerca.

Lula (rádio): ... um delegado sindical, por intervenção ou sem intervenção no sindicato, é algo que precisa sair com a maior urgência, porque senão nós criaremos um sindicalismo paralelo no Brasil a curto prazo de tempo.

Pan até enquadrar operário que escuta o rádio.

Locutor de rádio: Lula explicou aos repórteres que o movimento é dos trabalhadores e só dos trabalhadores. Ele não é o pai da greve.

Lula (rádio): Quem fez a greve não foi o Lula. Quem fez a greve foram 110 mil trabalhadores de São Bernardo do Campo; então eu acho que é todos os trabalhadores; eu acho que é praticamente impossível 110 mil pessoas errarem; eu acho que é muito fácil uma pessoa só errar. E eu acho que quem errou foi quem julgou nosso movimento ilegal.

Plano próximo dos operários em volta do rádio, seguido de *panorâmica*. Um dos operários é Assis, que apareceu anteriormente.

Locutor de rádio: No final da entrevista uma surpresa: Lula anunciava a sua volta à indústria Villares como torneiro mecânico. A marcha dos acontecimentos, porém, fez Lula mudar de opinião. E às 22 horas de sábado, reunido na Assembleia Legislativa com deputados estaduais

e federais do MDB, dirigentes sindicais e representantes de entidades civis, ele volta atrás para dar um passo à frente. O repórter Carlos Guerreiro ouviu o líder sindical, visivelmente emocionado, anunciar o seu retorno ao comando da greve.

Lula (rádio): Mas eu estou aqui, eu acho que eu fiquei ontem e hoje praticamente trancado dentro de uma casa, é muito mais como efeito psicológico para evitar que houvesse transtorno maior em minha família... mas eu já vi que a gente vai ter que sair à rua outra vez e comandar a nossa greve.

Locutor de rádio: No domingo, com Lula outra vez na frente do movimento, 15 mil metalúrgicos assistiram a missa na Catedral de São Bernardo.

Seq. 15 — Ext/Dia/Operários reunidos em assembléia. Volta de Lula.

Narrador (off): Com a volta da liderança à direção do movimento, a greve se afirma apesar dos boletins com falsas estatísticas de volta ao trabalho. A greve continua.

Ext/Dia/Portão da Mercedes-Benz.

Operários reunidos em piquete.

Entrevistador (SD/off): Como é que está a Mercedes aí, está parada ou trabalhando?

Operário: Nós convidamos o sr. Teobaldo De Nigris pra

vir na portaria da Mercedes porque nós já descobrimos que ele tem olhos biônicos e nós vamos dar o troféu do "Pai da Mentira" pra ele. A Mercedes-Benz está parada.

Entrevistador (SD/off): Os relatórios da FIESP dizem que estão trabalhando e tal, que tem... que há produção...

Operário 1: É totalmente mentira. Nós convidamos os homens da FIESP pra virem aqui em frente a essa padaria.

Operário 2: Os caras estão entrando e saindo, não pode dizer que a turma está entrando.

Entrevistador (SD/off): Como é que é?

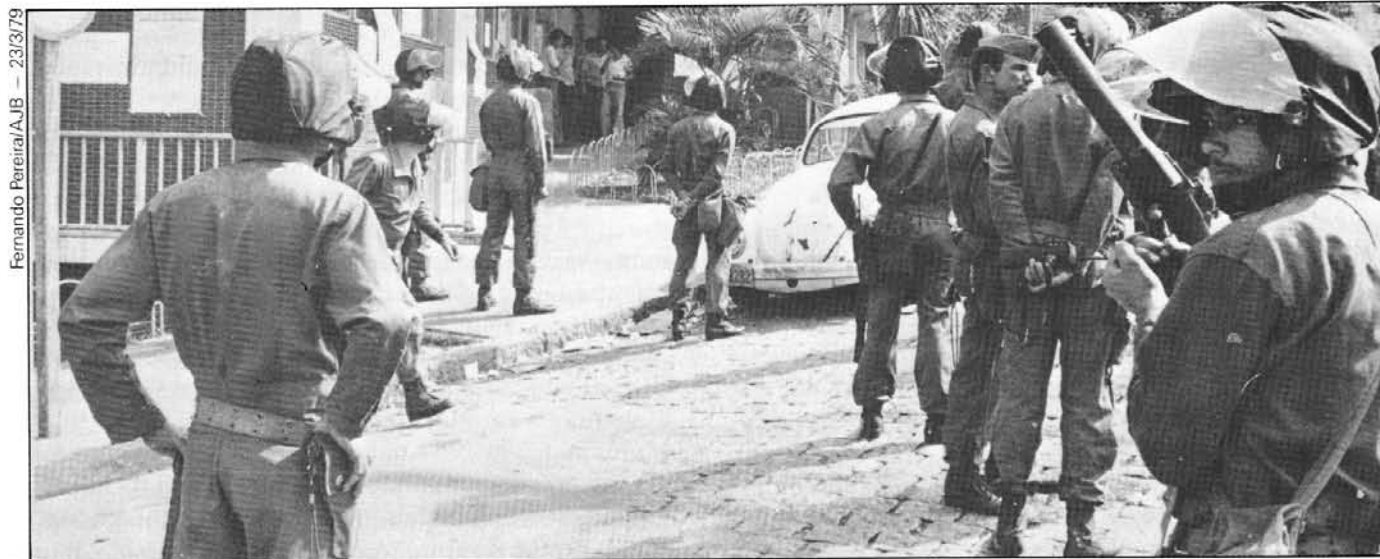
Operário 2: Os caras estão entrando e saindo; tornando a entrar e sair, fazendo rodízio, vão dizer que estão entrando.

Entrevistador (SD/off): Está parado mesmo?

Operário 1: Tá parado. Vê se tem algum carro saindo. Olha as empilhadeiras, está tudo parado ali. As empilhadeiras estão paradas, os peões não estão trabalhando. Uma coisa nós já descobrimos: o sr. Teobaldo De Nigris tem olhos biônicos. Porque no Brasil agora é tudo biônico! Só os peões é que não são biônicos.

Entrevistador (SD/off): Mas vocês vão agüentar até o fim isso aí?

Operário: Até a morte, se for preciso! Hoje, às 3 horas da tarde, nós convidamos todos no Paço Municipal, vamos



No dia 23 de março de 1979 o Governo decretou a intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo.

ter reunião às 3 horas; lá estarão presentes os metalúrgicos de São Paulo, de São Bernardo do Campo e Diadema. E convidamos todos os homens da FIESP pra comparecer lá, porque nós não somos bichos, nós não vamos matar ninguém não. Ele pode tomar alguma vaia, mas quem faz as coisas erradas merece vaia.

Entrevistador (SD/off): E pra parar está precisando fazer piquete, como é que está?

Operário 1: Na Mercedes-Benz não precisa piquete. Nós somos unidos, não precisamos de piquete... Nós somos unidos, a graxa dos nossos macacões uniu a nossa raça. A prova do piquete está aqui, é o povão, é ele quem está fazendo o comando da turma toda aqui, é o povão aqui, nós queremos é o nosso direito. E o direito que tem a classe operária é os direitos humanos. E esses aqui são os nossos direitos. O governo subestimou nosso líder; o governo subestimou nosso líder e cassou o nosso sindicato, mas não cassou a nossa união; isso é que é importante.

Seq. 16 — Ext/Dia/Estádio de Vila Euclides.

Assembléia. Operários levantam para a câmara o jornal *Unidade Sindical*, com os dizeres: “Ele voltou”.

Narrador (off): Terça-feira, 27 de março. RA

Lula é carregado pelos operários em direção ao palanque.

Narrador (off): Com a persistência das greves, o governo é levado a dialogar com os líderes cassados buscando uma solução para o impasse com o aval da Igreja. Promete reiniciar as negociações suspensas com a intervenção e promete conseguir dos empresários o atendimento das reivindicações do ABC: garantia de emprego, pagamento dos dias parados, os 11% ganhos em greves passadas e a volta dos líderes cassados ao sindicato.

Operários reunidos em assembléia. Segue *Pan* até o palanque.

Lula: Companheiros, companheiros!

Pan de operários reunidos.

Lula: Vivemos hoje mais um momento histórico da classe trabalhadora...

Plano geral dos operários.

Lula: ... e eu não estou falando como presidente de direito, mas me sinto no direito de falar como presidente de fato, como representante dos trabalhadores... Existe hoje...

Narrador (off): Com 14 dias de greve, quatro dias de intervenção, nesta assembléia os metalúrgicos suspendem a greve.

Lula no palanque, de costas, ao fundo, a multidão.

Narrador (off): ... dias de greve; quatro dias de intervenção...

Plano próximo da multidão.

Narrador (off): Nesta assembléia os metalúrgicos suspendem a greve por...

Pan sobre os operários.

Narrador (off): ... 45 dias para que o governo cumpra suas promessas.

Lula (SD/off): ... tomado por cachorros policiais...

Plano geral seguido de *Pan* sobre a multidão.

Lula (SD/off): E outra coisa importante, companheiros! É um voto de confiança que eu peço a vocês pra não dizer que nós fomos radicais...

Plano geral de outro ângulo da multidão.

Lula (SD/off): ... nós vamos aceitar o pedido do governo, nós vamos voltar a trabalhar...

Palanque com Lula.

Lula: ... e se não for cumprido o nosso pedido, nós paramos outra vez. E eu assumo um compromisso aqui com vocês...

Plano geral da multidão seguido de *Pan* até chegar ao palanque.

Lula (SD/off): ... eu mesmo decreto a greve outra vez!

Pan sobre a multidão.

Lula (SD/off): O que nós precisamos provar às autoridades, à opinião pública em geral e outras (...)

Lula de costas no palanque.

Plano geral da multidão.

Lula (SD/off): ... é de que nós estamos conscientes daquilo que nós queremos...

Palanque seguido de *Pan* até a multidão.

Lula (SD/off): E que essa greve sirva de...

Pan sobre a multidão com os braços para o ar.

Lula (SD/off): ... demonstração para que os patrões nunca mais, nunca mais ousem duvidar da classe trabalhadora...

Pan até palanque.

Lula: Que ninguém, que ninguém nunca mais ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores... (Música final).